

Desafios e conquistas do processo de alfabetização em casa, na pandemia.

* Danieli Mariani Elias Silva

Meu filho começou o 1º ano do ensino fundamental neste ano. Conversamos sobre como seria o seu processo na nova escola e foram muitas as suas perguntas: "Mãe, lá tem parquinho? Tem o dia do brinquedo? Meus amigos vão estar lá?"

As aulas começaram de maneira remota e, na primeira semana de aula online, muita empolgação. Até que começaram a chegar as orientações de atividades. No começo era para escrever o nome, copiar o alfabeto, os números e, algumas vezes, tinha uma contação de história.

Realizamos essas atividades repetitivas por alguns dias, tudo feito sem muito sentido para ele e para mim. Às vezes, ele dizia: "Mas de novo, eu já fiz isso ontem!". Um dia, durante a realização de uma atividade, ele com sua infância e imaginação abriu-me os olhos. A solicitação era que as crianças encontrassem letras em um quadro em que havia letras e números. Ao chegar ao número oito, perguntei: "Kadu, isso é uma letra ou um número?" E ele responde: "É um boneco de neve!"

Ao compartilhar minha frustração com amigas mais experientes, uma rede de apoio ao processo de alfabetização do meu filho foi criada. Em um encontro virtual ouvi um leque de informações e orientações pedagógicas de como eu poderia tornar este processo mais simples e significativo, de modo que ele aprendesse não letras e números, mas a ler e a escrever num contexto que fizesse sentido para ele.

Para iniciar o novo processo de alfabetização do Kadu, comecei por analisar as atividades pelas quais ele demonstrava mais interesse: era só a hora da história. A partir daí, procurei explorar nossas interações cotidianas, que com a pandemia se tornaram mais intensas. A história "Pedro e Tina", enviada pela escola, contava momentos de diversão vividos por dois amigos em uma casa na árvore onde as crianças brincavam. A

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

partir do seu interesse e da solicitação da professora de fazer um desenho sobre a história, resolvemos ir além e envolvê-lo em um outro processo de alfabetização.



Kadu desenhou a casa na árvore e ele brincando com suas amigas Pietra e Emanuely. Com orientações do meu grupo de apoio, resolvemos fazer uma lista de coisas que ele gostaria que tivesse na casa. E dessa conversa surgiram nossas primeiras fichas de palavras, a exemplo do Fichário Coletivo, uma técnica da Pedagogia Freinet. Vivemos um entusiasmo novo pela escrita e nossas fichas de palavras foram crescendo pouco a pouco, e ele me surpreendendo a cada dia com seu entusiasmo.

Juntos confeccionamos dois livros: “Os três porquinhos” e “João e o pé de feijão”. O primeiro livro surgiu a partir do seu interesse pela compra do livro, uma história que faz parte da sua infância. O segundo livro foi produzido através de um momento de contação de história da nossa rotina. Os dois livros foram escritos de acordo com sua fala e a partir de sua memória e imaginação. Eu fui registrando a história que ele narrava e que ele ilustrou com muito entusiasmo.



As experiências em casa tornaram-se oportunidades para escrever e registrar. Ele me ajudava nas refeições com a organização e contagem de alguns utensílios, fizemos bolos, geladinhos, massinha de modelar e escrevemos receitas. E, ao colocar em prática a produção dessas receitas, juntos, lemos e escrevemos as listas de ingredientes necessários. Com essas listas fomos ao mercado - um ambiente muito rico de informações - e ele se interessou pelas informações

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

nas embalagens, marcas diferentes, preços e pelo pagamento das compras. Na confecção das receitas, exploramos quantidades, medidas, diferentes ingredientes e a transformação química de elementos, de forma que criasse nele a vontade de entender como aquilo acontecia sem precisar “dar aula”.

Percebi que uma história escrita e ilustrada com a imaginação de uma criança é rica em conteúdo. Nas páginas que escrevemos não havia apenas a história dos três porquinhos na sua melhor versão, havia também muita alegria, descoberta, criatividade, aprendizado e tudo aquilo que pode ser explorado a partir do interesse da criança. O desejo de aprender que ele foi criando, nos levou a ter experiências significativas pelas quais foi possível compreender o sentido da escrita; descobriu que seus pensamentos e conhecimentos podem ser registrados através dos desenhos e também da escrita.

Com todas essas vivências, não tenho dúvida de que a valorização dos seus interesses foi fundamental para o sucesso e resultados de todo o processo. Aprendi que é necessário repensar e avaliar os métodos de alfabetização em que a criança é submetida a um processo que limita a exposição dos seus interesses e questionamentos.



*SILVA, Danieli Mariani Elias
Professora de Educação Infantil
Casa da Infância Estrela da Manhã e mãe do Kadu.
São Carlos – SP

Gostaria de agradecer à Maria Farias e Suely Amaral Mello pelo incentivo e edição desse texto.